

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Débora de Bitencourt Fél

**ENTRE RUAS:**  
**narrativas de uma clínica a céu aberto**

Porto Alegre

2019

Débora de Bitencourt Fél

**ENTRE RUAS:  
narrativas de uma clínica a céu aberto**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vera Lúcia Pasini

Comentadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Analice de Lima Palombini

Porto Alegre

2019

*Às Carolinas, que compõem essa história.*

## **Agradecimentos**

Aos meus pais, Dinara e Almino, e irmãos, Afonso, Andressa, Denize e André, que mesmo quando o mundo da cidade e da universidade ainda era desconhecido por nós, me apoiaram desde que decidi partir;

Ao Kim, que apesar dos 19.167 km de distância, consegue me transmitir tanto amor;

À Lurdes, por todo apoio e aposta quando eu mais precisei;

À professora Elaine, primeira pessoa que me fez compreender sobre a importância da educação para a transformação das nossas vidas;

À Pati, por ser minha amiga e colega de quarto-casa-vida-viagens de carona e tantas outras coisas. À Carol, pela amizade que transborda a graduação e que me enche de alegria; Ao Gui, amigo lindo, colega de quarto e professor de Yoga maravilhoso! Ao Matheus, pela amizade e parceria nesse momento - nada fácil - de finalização do curso. À Ana e Fran, pelos momentos tão especiais que passamos juntas;

À CEUFRGS - Casa da/o Estudante da UFRGS -, lugar que me acolheu por 6 anos e que foi determinante para a minha permanência na universidade, e aos tantos amigos que aqui encontrei - moradoras/es, hóspedes e trabalhadoras/es. Aqui aprendi sobre autogestão e o viver em coletivo, desde os momentos mais potentes que o coletivo possa significar até as suas mais intensas crises, que também foram importantes;

Ao Emancipa - cursinho popular pré-universitário-, espaço que me apresentou a universidade pública e que possibilitou que eu e tantas outras pessoas de origem popular pudéssemos estar aqui hoje;

À Nelma, por me acompanhar ao longo de todo esse tempo de graduação;

À Vera, especialmente por permitir que o tempo não significasse apenas o movimento dos ponteiros do relógio;

À Analice, por ter aceitado o convite para comentar esse trabalho e pelas belas palavras compartilhadas;

À Sara Jane e Loiva, por tanta sensibilidade, afeto e aposta na vida. Vocês são especiais;

Ao GAIIn, especialmente à Tainara (e Eduardo e Tainá) com quem tanto aprendi sobre tantas coisas. Também agradeço à Aline (e Nãñ Ga) e Alice (e Amora), por terem me acolhido com tanto carinho em suas casas e compartilhado de suas vidas e da sua cultura. Aos demais estudantes Kaingang com quem tanto aprendo a cada dia;

Ao ATnaRede, principalmente às/aos acompanhadas/os que tanto nos ensinam sobre a vida;

Ao Nar Leste da Fundação Proteção, acolhidas/os e trabalhadoras/os, que fizeram com que a experiência de estágio fosse tão significativa. Especialmente ao Nique, por compartilhar tantas das suas experiências nas políticas públicas, pela ética e aposta nos sujeitos;

À professora Renata, pessoa maravilhosa com quem tive a oportunidade de aprender sobre fisiologia e neuroanatomia e para muito além disso;

Ao PET Conexões de Saberes, pela oportunidade de vivenciar a interdisciplinaridade e o fazer coletivo em uma proposta que articula ensino, pesquisa e extensão;

Ao NEUROCOG, minha primeira bolsa de pesquisa na universidade, que me proporcionou momentos tão importantes na graduação;

Às/Aos trabalhadores do RU, por garantir aos moradores das casas de estudante três refeições ao dia, mas também pelas amizades construídas com aquelas/es que ali trabalham;

Às gurias da COMGRAD, por tanta paciência(!) e dedicação conosco;

À Escolinha Comunitária Resistência Popular, espaço que me transformou, de todas as formas possíveis, e que sou especialmente grata;

Às/aos demais amiga/os - da casa, da graduação, dos rolês, das caronas, das ruas e ocupações, dos movimentos sociais, da cidade e do campo, de toda a vida;

Agradeço imensamente à luta daquelas/es que acreditam em uma universidade pública, popular e diversa. Graças a vocês *nós* estamos aqui hoje.

*“[...] essas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. Invento? Sim invento. Sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde, e por isso se acrescenta.” (Conceição Evaristo)*

## Resumo

Nesta escrita, optou-se por compartilhar sobre a experiência de um acompanhamento terapêutico por meio daquelas palavras que ousam escapar e que por isso se acrescentam. É nesse sentido que contar uma história também implica em inventá-la. *Narrar-ficcional* como possibilidade de transmitir uma experiência, mas também como forma de elaborar, sustentar - uma escuta, uma crise, um sonho, o cuidado de si e da/o outra/o. Cabe lembrar que essa é apenas uma versão de tantas histórias possíveis. É uma forma de provocar desvios, “gagueiras”, que possam agenciar outros sentidos para as únicas histórias disseminadas na cultura. Únicas histórias sobre a loucura, sobre as políticas públicas, sobre as formas de cuidado possíveis, enfim, sobre o que pode significar saúde e, em especial, saúde mental. No meio desse caminho nos encontramos por entre as redes de uma política pública de saúde mental, distante de ser ideal, mas em processo de amadurecimento e inúmeras transformações pós-reforma psiquiátrica brasileira. Momento de desencontros e discordâncias, mas também de compartilhamento de perspectivas e de espaços de sustentação e criação de vida. Dentre as questões que se apresentam há uma interrogação que insiste: até que ponto o sujeito é escutado frente às decisões sobre seu projeto terapêutico? Quem determina os limites e as possibilidades da sua liberdade? É no ato de acompanhar e ser acompanhada que surgem as mais diversas inquietações, que compõem esta escrita-experiência. Essa é uma história sobre *encontros*, e o que eles fizeram de *nós*.

**Palavras-chave:** acompanhamento terapêutico, clínica, narrativa, reforma psiquiátrica, cuidado em liberdade.

## Sumário

Prólogo	9
Do silêncio fez-se palavra	11
O encontro	13
A grande dúvida	16
Um segredo	18
Da verdade fez-se pergunta	21
Fronteiras	23
Uma aposta	24
De repente, não mais que de repente, fez-se da vida uma aventura errante	26
Travessias	28
Epílogo	29
Referências	30

## Prólogo

O que escrevo é uma mistura entre ficção e experiência.

É parte de uma criação que surge de *encontros*.

Revelar o que escutei tornou-se uma obrigação. Mesmo que minha memória venha a falhar e as cenas de nossos encontros embaralhem-se com uma certa frequência. Nada aqui é fidedigno. Não seria pretenciosa a ponto de afirmar tal ilusão.

Gosto da ideia de que quando escutamos fazemos nossas as histórias também, como se elas nos pertencessem (Evaristo, 2016). Ademais, escrever uma vida é assumir uma posição. O lugar que ocupo diz de que partes de uma história decido contar. A que partes dou ênfase, que outras omito. De certa forma, a história que lhes conto carrega um pouco da minha história também.

Há momentos de uma certa exageração, mas ser enfático é bom, de vez em quando, como compensação desse escrúpulo de exatidão que nos aflige (Assis, 1899). Pois, por que escreveria sobre a vida se não para amenizar a dor desse soco no estômago que a define (Lispector, 1984) e criar novas formas de existência? Às vezes, o excesso de real exige invenção.

Gritam-na louca. E afirmam com convicção de que a cidade não lhe pertence. Uma cidade que não a quer (livre). Há milhares como ela espalhadas por aí, e no meio deste percurso já não sei se falo apenas sobre ela. Apesar de muitas/os, pode ser que poucos/as saibam sobre a existência delas/es, sobre suas vivências. Pode ser que nunca tenham se perguntado “como será sua experiência de vida?”. Não lhes passa pela cabeça que poderia ser uma existência tão incrível e cheia de sabedoria. Talvez, seja porque poucos/as conseguem vê-las/os e, menos ainda, escutá-las/os.

Alguns dizem que sua língua é incompreensível. Mas, também ouvi dizer que há quem compreenda e não tem a coragem necessária para admitir tal entendimento. Talvez, pela afronta que algumas palavras provocam. E pela angústia que outras nos fazem sentir. Talvez. Há também aquelas/es que não conseguem vê-las/os ou viram pouquíssimas vezes. Questiono

se essa é ou não apenas uma opção. Penso que, para estes, vê-las/os causa incômodo e por isso criam mecanismos para não enxergá-las/os.

As/os poucas/os que conseguem compreendê-las/os fazem suas próprias traduções, cada um a sua forma. Algumas destas pessoas lucram com sua *existência* e isso não é nenhuma novidade por aqui (Ministério da Saúde, 2005). Sim, isso mesmo. O fato é que ninguém sabe explicar se o que dizem é real, embora muitos afirmam que (quase) tudo o que dizem é mentira, delírio ou alucinação - esse é um dos motivos pelos quais grande parte delas/es não tem liberdade.

Optei por não correr atrás de respostas para essas dúvidas persecutórias. Não que eu desconsidere a importância de diferenciar, em determinados momentos, o que é real ou fantasia, mas porque talvez não caiba a mim tal descoberta. A verdade é que não me sinto confortável para traduzi-la. Seria uma traição, ouvi dizer. O que seria *a verdade* se não a própria verdade do sujeito?

Decidi acompanhá-la pelas ruas de uma cidade que resiste a fazer laço com a diferença. Na qual gritar a palavra louca/o é sinônimo de dizer de alguma doença que atinge o cérebro, a alma ou, até mesmo, o coração. Decidi escutar as palavras que poucos querem ouvir, de um corpo que ousa escapar quando o grito se faz presente. Optei pela liberdade como perspectiva ética de uma presença que exige disponibilidade à/ao outra/o.

Quem quiser nos acompanhar será muito bem-vinda/o! Convidamos vocês a percorrer conosco as ruas de uma cidade impressas nessas folhas de papel.

## Do silêncio fez-se palavra

*“Todo corpo escapa pela boca que grita.” (Deleuze)*

Todo corpo escapa pelas lágrimas que escorrem, pelo silêncio que ecoa, pela boca que grita. Agora é proibido chorar aqui. Eu não quero mais ficar aqui. Escorre, ecoa, grita. Grito em silêncio pelas lágrimas que não podem rolar. Olho mareja, faz-se oceano. A cama de um quarto sem porta torna-se o único refúgio possível agora. Ao lado, um radinho de pilhas que acompanha o som das ondas de um mar agitado, bem baixinho, quase inaudível. Escrever, desabafo. O único som que se propaga, além do radinho, é o das folhas sendo arrancadas do caderno. Para que ninguém veja. Caso contrário... louca! Ela mente, não acredita! Eu fui amarrada e fiquei até o outro dia. Até criar moscas, me disseram. Tive que dormir assim. Eu não cometi nenhum crime, por que estou presa aqui? Eu quero a minha liberdade. Me ajuda a ter minha liberdade. Silêncio!

\*\*\*

Eu costumava encarar isso que convencionamos chamar de *loucura* com estranhamento, pois desde criança fui ensinada que algumas pessoas “assombradas pela desrazão” são temidas e que eu deveria manter uma certa distância. Lembro-me bem de uma famosa personagem da minha cidade natal, um distrito de menos de duzentos habitantes. Seu nome era Eva. Ela era temida por todas as crianças e ignorada pelos adultos.

Mas, quando pequena eu não sentia medo e também não estranhava. Achava diferente seu jeito de percorrer as ruas, sorrindo e conversando sozinha - descobri que era justamente por isso que a chamavam de louca. É que eu já tive amigos imaginários, sei bem como é. Sabia que tinha que me esconder para conversar com eles, mas nunca havia me perguntado o porquê. Talvez temesse que me chamassem de louca também.

Tentavam curá-la de todas as formas possíveis. “Onde já se viu, andar pelas ruas falando sozinha e rindo à toa?!”. Eu entendia que tentavam ajudá-la, mas talvez não do jeito

que ela queria. Não perguntavam a ela, como iriam saber? Notava que às vezes ela não conseguia cuidar de si, alimentando-se mal e ficando doente. Por vezes, a vizinhança se esforçava para construir uma casinha para que ela e seu pai tivessem um lugar para morar, e essa parte da história eu achava interessante. Mesmo em meio a tanta pobreza todos tentavam colaborar de alguma forma. Eu pensava que ela teria um lugar quentinho para dormir, depois de suas longas aventuras pelas ruas tranquilas de uma cidade pequena.

Mesmo com a colaboração da comunidade para que ela pudesse viver bem, a missão de torná-la *normal* novamente não tinha fim. Era como se o cuidado oferecido fosse moeda de troca para sua *cura*. Recordo de um dia em que ela foi até uma igreja e, enquanto todos estavam conectados por um momento de choro visceral, ela ria, sem parar. Eu, criança, não entendendo bem todo aquele ritual também achava graça, mas continha o riso. Assim como ela, eu só ia de curiosa.

Logo em seguida, em um movimento brusco, ela saltava da cadeira e ia embora no meio da cerimônia. Eu queria fazer o mesmo, mas não tinha a coragem daquela mulher. Mais uma vez a expulsão daquilo que acreditavam ser o seu problema não fora concretizado. Os membros da pequena igreja lamentavam-se e convocavam o público a clamar por sua alma errante. O choro continuava - era uma mistura de soluço e lágrimas -, enquanto ela caminhava e ria à toa.

Quando a encontrava na rua de casa, longa e deserta, arriscava dar um “oi”. Recebia de volta a sua típica gargalhada, seguido da pergunta de como estava meu pai. Foram amigos de infância. “Ela era *normal*, tornou-se assim depois de adulta”, conta meu pai. Essa cena repetiu-se muitas e muitas vezes, até que recebi a notícia de que ela morrera há muitos anos e que sua família soubera apenas recentemente. Estava internada em uma dessas *casas terapêuticas*. Não conseguiram fazer com que ela voltasse ao *normal*. É que ela gostava muito de caminhar e lá não era permitido. Ela talvez quisesse a sua liberdade e decerto por isso fosse considerada louca. Mas eu nada pude fazer. Eu era apenas uma menina.

Passados alguns anos tomei uma das decisões mais importantes da minha vida: decidi escutar as *loucuras* que habitam cada um de nós. Às vezes caminhando junto, outras em uma

sala pequena. E foi assim que eu a conheci, a personagem principal dessa narração. Mas essa já é outra história...

### *O encontro*

A primeira vez que escutei sua história foi pela boca de outras pessoas. Não me restavam dúvidas de que eu já havia escutado sobre sua vida antes. Porém, disseram ser impossível. Sua história nunca havia sido contada e, além disso, essa era a única vez que ela havia falado, o que foi uma grande surpresa para todos/as que a conheciam. Questionaram o porquê de ela nunca ter falado antes. Sua resposta foi um largo sorriso. Desde que lhe caíram os dentes de leite fora presenteados com *dentes de mentirosa*. A partir de então parou de falar. Percebeu que a vida havia ficado mais difícil e a decisão de manter-se em silêncio parecia ser a mais adequada.

Oito anos se passaram, e eu finalmente a conheci. Soube que estava muito falante, e que agora seus gritos incomodavam mais do que o silêncio de outrora. Confesso que no início ficava tímida ao encontrá-la, pois sabia que ela gritaria meu nome tão alto que todos sairiam até a rua para presenciar nosso encontro. Sair de lá era um evento raro e não era incomum alguns pedidos dos demais para que pudessem sair conosco. Inúmeras mãozinhas saíam pelas grades implorando dar uma voltinha. “Só uma voltinha minha amiguinha, por que não?”. Ao sentir o balanço que as mãos produziam ao agitar o pequeno portão, eu pude compreender melhor e aos poucos ir acolhendo o seu grito, não mais como um estranhamento incômodo, mas como uma abertura, como desejo.

Uma enorme euforia tomava conta de seu corpo ao passar pelas grades de um *lar* sem liberdade. Trinta minutos naquele lugar pareciam horas. Atmosfera asfixiante. “Bem-vinda à vida”, pensei comigo. “Bem-vinda ao manicômio”, gritava ela pelos corredores afora. Diziam que manicômios eram coisas do passado, que não existiam mais. Mas ela afirmava com convicção de que era disso que se tratava. Fiquei um tanto confusa com seu comentário, mas não a corriji, mesmo tendo plena certeza de que manicômios realmente não eram permitidos por lei. Certeza que aos poucos fui interrogando.

“Podemos sair, não tem risco de fuga”, menciona com um largo sorriso no rosto (ah esse sorriso, algo que eu nunca vou esquecer foi o seu sorriso naquele dia). Acho engraçado, e automaticamente deixo transparecer uma leve expressão de espanto como quem diz “por que eu acharia isso?”. Contou-me que nunca havia fugido antes, mas como o medo de que ela escapasse manifestava-se em tantas pessoas próximas, chegou até a cogitar em fugir de verdade. “Pelo menos assim seria coerente”, conta desanimada. Mas, logo desistiu da ideia. Pensou que não queria mais que desconfiassem dela, embora a vontade de sair correndo daquele lugar transbordasse com facilidade.

“Fique atenta pois ela mente muito, sempre verifica o que ela diz”, alertam os responsáveis pela *casa*, com um ar de seriedade. Parecia realmente muito perigoso. Em seguida, pensei comigo: “como vou saber que o mentiroso não é você?”. Mas no fim das contas preferi não entrar nesse binarismo verdade-mentira, e acabei não dando muita atenção, afinal, eu não sou um detector de mentiras, sou?

Sáímos do portão. “Sáímos do portão!” Naquele momento ela se parecia com uma coelhinha de tanto que pulava. Sua alegria me contagiou, de uma forma tão intensa, que antes mesmo de pensar me vi pulando também. Nós duas sorriamos e pulávamos com tanta alegria que acabamos perdendo a noção do tempo. Havia se passado três horas e eu precisava ir embora. Apesar de ter sido um encontro tão alegre, me senti chateada de termos apenas pulado. Podíamos ter aproveitado mais, pensei.

No caminho de volta para casa, uma dúvida se fazia insistente nos meus pensamentos. Será que eu havia feito certo em pular com ela? Eu juro que não lembrava de ter lido em nenhum lugar a indicação de pular como um recurso terapêutico. Fiz tudo errado, nada do que eu coloquei em prática foi comprovado cientificamente e agora? Como vou supervisionar um encontro desses? Fiquei desesperada. Ao imaginar a cena da minha narração em supervisão, fiquei mais angustiada ainda.

Foi então que uma remota lembrança chegou até mim repentinamente. Lembro-me vagamente do dia em que nossa professora nos relatou, no espaço coletivo de supervisão semanal do projeto<sup>1</sup>, que ela também havia pulado em uma de suas experiências. Outras

---

<sup>1</sup> Aqui me refiro ao *Programa de Acompanhamento Terapêutico na Rede Pública*, vinculado ao Instituto de Psicologia da UFRGS. Teve origem, em 1996, junto ao CAPS CAIS Mental Centro, da Secretaria Municipal da Saúde de Porto Alegre, consolidando-se como projeto continuado de extensão universitária a partir de 1998,

narrativas semelhantes, de minhas/meus colegas, surgiam na minha frágil memória, o que me levou a pensar que talvez eu não tenha sido tão inadequada assim.

Foi surpreendente o quanto a mudança de cenário - da sala fechada para o espaço aberto da rua - nos impôs um rearranjo de posturas e certezas, antes tão cristalizadas e impermeáveis. (Palombini, 2008). Arrisco dizer que esse encontro a céu aberto foi a experiência mais intensa que pude vivenciar. E eu sabia que, mesmo voltando para o espaço fechado, a rua seguiria me acompanhando, e que as marcas deixadas não se apagariam facilmente. Agora tudo estava diferente, e o imprevisível das ruas já não me causava tanto estranhamento.

A cada passo percorrido, algo novo ocorre. Planejamos ir para a direita e veja cá onde estamos, novamente à esquerda! Mas dessa vez vai sair conforme planejamos: dois passos à frente, cinco minutos para cada lado e pronto, mais um imprevisto. Uma moça para e a reconhece. Isso a deixa tão feliz. Lá vamos nós, caminhar por outros arredores. Digo a elas que sou aprendiz, e que não sei bem o que posso ou não fazer. As duas quase morrem de rir de mim e questionam se eu não percebi que elas também eram iniciantes nessa coisa de *encontro* a céu aberto.

Ao pé do meu ouvido sussurram bem baixinho: “percebe que, enquanto caminhamos, o movimento da experiência atualiza, ao mesmo tempo que constrói, o que antes era outra coisa?”. Mas, que outra coisa? Me explicaram que não quer dizer que eu não saiba o que fazer só porque eu nunca fiz antes. “É que antes fazíamos diferente”, contam entusiasmadas. Agora a rua estava presente e exigia que aprendêssemos a experienciar aquilo que “escapa da previsibilidade dos possíveis, que emerge do impossível, do impensável”. (Palombini, 2007).

---

articulado à experiência de estágio curricular e a atividades de ensino e pesquisa, em parceria com serviços da rede municipal e estadual de saúde, visando a construção de novos modos de encontro entre a instituição de atendimento em saúde mental e suas/seus usuárias/os, através da ferramenta do acompanhamento terapêutico: modalidade da clínica que se propõe a acompanhar uma pessoa no seu cotidiano, favorecendo a sua circulação social e a ampliação de seus laços e possibilidades de vida. A cada ano, o projeto reúne um grupo significativo de estagiárias/os e extensionistas de psicologia e áreas afins, residentes de diferentes programas, além de mestrandas/os e doutorandas/os, que realizam, ao longo de dez meses, o acompanhamento terapêutico de um/a usuário/a dos serviços de saúde mental da rede pública conveniados ao projeto, contando com um espaço semanal de supervisão do trabalho na universidade, além da participação nas reuniões de equipe, supervisão local e interconsultas, bem como a possibilidade de inserir-se nas atividades cotidianas dos serviços. (Palombini, 2008; Palombini et.al, 2019, no prelo).

Mesmo um tanto desconfiada com os rumos dessa conversa nada comum, sigo questionando se o que estávamos fazendo era, de fato, o correto. Eu não sabia se pulos eram ou não *terapêuticos*, ou se andar à deriva pela rua realmente fazia sentido. “Leituras, preciso de mais leituras”, pensava comigo. Mas, enquanto estudamos esses acontecimentos nada comuns, seguimos com a contação.

### *A grande dúvida*

Antes de passarmos para a próxima narração, quero contar-lhes algo de suma importância. Talvez algumas/ns de vocês já tenham notado e, em meio a essa contação nada linear, é chegado o momento da nomeação da personagem principal da nossa história. Ainda não revelei sua identidade, pois além de ela ser muitas, também possui muitos nomes, o que acaba dificultando a missão de escolher apenas um. Alguns destes nomes sei que ela não gosta, já outros, adora.

“Ah que dor escolher apenas um, mas vamos lá. Pensando bem, pode ser interessante escolher meu próprio nome, eu nunca havia feito isso antes!” Depois de verbalizar dois nomes, que por fim não escolhe, finalmente chega a uma decisão: “Carolina! Quero me chamar Carolina<sup>2</sup>!”.

Ao escolher seu nome, nossa personagem se depara com uma grande dúvida. “Preta, quero me chamar Preta. Não, melhor não. Já sei, quero me chamar Alemoa, que era o apelido do meu avô.” Uma vez me contou que a acusaram de racista em uma das clínica que morou. Sem compreender o porquê de toda a acusação, negou de pés juntos que teria reproduzido tal atitude.

“Disseram que eu não poderia ser racista, pois eu tenho um pé na África. O que isso quer dizer? Eu sou negra ou branca? E agora?” Extremamente aflita, chega à provisória conclusão de que está na fronteira. “Acho que sou meio a meio. Mestiça. Olha a minha pele, eu não sou branca e também não sou escura. Meu cabelo não é crespo, mas também não é

---

<sup>2</sup> O nome Carolina foi escolhido porque esse é o nome da sua melhor amiga de infância “que assim como eu, perdeu a mãe muito cedo. É a minha homenagem à ela”.

liso.” Chateada por não conseguir chegar a uma resposta definitiva, continua se perguntando quem, de fato, ela é.

“E tu, o que tu é?”, me pergunta com extrema curiosidade. “Como assim o que eu sou?”, acho que pensei um pouco alto demais. “Tu nunca te perguntou sobre a tua raça?”. Enquanto ela aguardava pela minha resposta, eu continuava pensando. Então, refleti mais um pouco, e eis que sua pergunta foi motor de uma reflexão muito importante. Percebi que nós, pessoas brancas, não costumamos nos enxergar como sujeitos racializados. “Ah, mas raça tem a ver com negritude”, diriam algumas pessoas. “Racismo é uma questão de pessoas negras”, diriam outras. Talvez seja mais cômodo pensar assim, não é mesmo?

Foi então que descobri a existência de um importante conceito: branquitude. Já ouviram falar? É que talvez o fantasma da tão falada e defendida “democracia racial brasileira” continue nos assombrando. E, com isso, impeça que possamos enxergar coisas como a tal da branquitude, que acabei de mencionar. Então, que sejamos capazes de reconhecer tamanha negligência.

Branquitude é o nome que se dá à identidade racial branca (Cardoso, 2014; Cardoso, 2008; Bento, 2002), em que as suas expressões podem colaborar para manter as hierarquias raciais (Bento, 2002), ou seja, os privilégios do grupo branco em virtude do racismo (Cardoso, 2008). Ao que parece, pessoas brancas estão implicadas diretamente com o racismo. Diziam por aí que a escravização havia “deformado” as pessoas negras, mas não teria, de fato, “deformado” as pessoas brancas? (Bento, 2002).

Me parece que de tão deformadas/os que estamos, mal conseguimos pensar sobre esse assunto sem aquela intensa resistência, que se manifesta em forma de “silêncio, omissão ou deturpação” que há acerca do lugar que nós, pessoas brancas, ocupamos nas relações raciais brasileiras (Bento, 2002).

Mas, vamos pensar um pouco mais. Afinal, o que há para além dessa “razão dual racial”? O que isso tem a ver com a invisibilização de todas as outras identidades sociais brasileiras, principalmente ao “escanteamento” dos povos indígenas, além do esquecimento e invisibilização de outras identidades, particularmente de descendentes de japoneses, chineses, bolivianas/os, venezuelanas/as, dentre tantas outras? (Cardoso, 2014).

Com o desenrolar de toda essa conversa, fico cada vez com com mais questões. Mas, uma delas surge com mais força, pois diz respeito à forma como meus *encontros* com Carolina são vivenciados. Afinal, o que temos presentificado, através de nossos corpos brancos, na relação interracial, mas também entre sujeitos brancos, onde parece não haver relações raciais? Estamos atentos a nossa branquitude? As poucas palavras que trocamos sobre esse assunto podem iniciar, mesmo que timidamente, um assunto tão complexo e importante.

Voltando rapidamente para a nossa história, - não que tenhamos saído dela! - Carolina continua sentindo-se aflita por *não saber* qual é, afinal, a sua identidade racial. Mas, fico me perguntando o que - e como - estou escutando, quando ela traz para nossos encontros tais aflições? Pergunta importante, eu diria.

Entre Preta e Alemoa, precisou de um tempo para decidir, mesmo que provisoriamente, como ela se reconhecia. Compreendi que não cabia a mim responder-lhe a pergunta para a qual exigia resposta: “Afinal, sou branca ou negra?” Embora da dúvida não tenha surgido a tão esperada resposta, ela segue me contando mais e mais histórias. E eu, sigo escutando, atenta.

### *Um segredo*

Carolina guardava para si um segredo indizível. No entanto, fazia questão de dizer para todas as pessoas do grande segredo que possuía, nunca revelando-o. Essa atitude fazia com que ela ganhasse inúmeras inimizades nos poucos espaços em que circulava - inclusive esse era um dos motivos pelos quais era frequentemente amarrada.

Comigo a sua atitude repetia-se. Mas, ao contrário do que ela esperava, eu nunca perguntei sobre o tal segredo. E também não “perdia a paciência” com ela, como relatava que costumava acontecer com as pessoas que convivia. Apenas acolhia o que ela trazia, fazendo uma ou outra pergunta relacionada ao tal segredo, mas nunca exigindo que me revelasse.

Confesso que muitas vezes a curiosidade de saber do que se tratava o tal segredo quase transformou-se em pergunta. Pode ser que pareça bobagem, mas a forma como ela abordava o assunto fazia com que muitas pessoas implorassem pela sua revelação. Alguns momentos

tornavam-se tão angustiantes que eu não sabia mais o que fazer. Certo dia, passamos todo o tempo do nosso encontro falando sobre o tal segredo e eu não via nenhum sentido naquela conversa. Em todos os momentos que eu tentava mudar os rumos do diálogo, logo ela trazia o assunto novamente. Foi então que algo aconteceu, inesperadamente.

Em meio a uma praça lotada, Carolina começa a chorar incessantemente. Preocupada por todos estarem olhando, chora ainda mais. Isso nunca havia acontecido, pois apenas costumávamos rir e conversar, enquanto caminhávamos juntas. Aquela foi a primeira vez em que vi suas lágrimas, e eu não sabia qual seria a melhor forma de estar ali naquele momento. “Tu não vai dizer pra eu parar, pois estou fazendo um escândalo?” Pediu que eu fosse embora e não voltasse mais. Pensei que, certamente, eu havia feito algo muito errado. Mas o que seria? No entanto, permaneci onde estava, disponível. Muito tempo depois ela conseguiu falar.

“Era um teste”. Um teste? “Como na *casa* é proibido chorar, queria saber se contigo é permitido.” Queria saber, também, se eu continuaria ou não do seu lado, pois na maioria das vezes não era o que acontecia quando ela estava com outras pessoas. Contou-me que era comum ser amarrada, permanecendo assim por horas ou, até mesmo, passando a noite atada às cordas. O motivo? Havia chorado. A primeira vez que ela chorou não sabia da proibição. As seguintes foram por que simplesmente não conseguia conter o choro.

Contou-me que estava treinando intensamente para cumprir as regras da *casa* e precisava da minha ajuda para alcançar tal objetivo. Não estava sendo fácil. Para facilitar sua vida, havia comprado um radinho de pilhas, para que pudesse amenizar o som das lágrimas, enquanto fingia estar dormindo. Funcionava parcialmente, relatou aborrecida.

Carolina surpreendeu-se com meu espanto. “Como assim você não sabia? Nossa, pensei que você soubesse das coisas! Mas não se sinta menosprezada por isso, não foi isso que eu quis dizer... Aliás, chorar não é a única proibição. Há uma série de outras coisas que acontecem em *casas* como essa. Eu, que já passei por várias delas, vou contar tudo o que aprendi por lá. Sei de todas as regras e punições. Vou te ensinar, detalhe por detalhe, como é ter a vida presa no próprio *lar*.”

Escutei muitas histórias. Algumas tão tristes que mal conseguia respirar ao escutar. Já outras, tão engraçadas que a falta de ar também fazia-se presente, só que de outra forma. Soube, inclusive, que ela mesma havia escutado muitas narrativas também. Ela dizia que gostava de ouvir as histórias de suas/seus companheiras/os, mesmo as inventadas. Não consideravam um problema se fosse real ou não, muito pelo contrário. Era como um ritual que costumavam fazer. Mas tudo escondido, pois também não era permitido conversar sem a presença de alguém vigiando. “Vidas que dariam um livro”, relata com um sorriso no rosto.

A parte que ela mais gostava era a das *escapadas*. “Quando se é livre as histórias ficam mais interessantes, com mais vida, sabe? Você deve saber, você é livre.” Justificava que nenhum/a deles/as havia cometido um crime para estar ali. “E mesmo que tivéssemos cometido, se paga e depois vai embora, não é mesmo?” Estavam presas/as pois tinham a interdição da palavra. “Somos interditadas/os, nossa palavra não existe”. Devia haver um jeito de desinterditar, e esse era um desejo que lhe parecia distante. Tão distante quanto a tão sonhada liberdade.

## **Da verdade fez-se pergunta**

*“Artigo V: Ninguém será submetido à tortura nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante.”  
(Declaração Universal dos Direitos Humanos)*

Eram dois homens. Apenas enxergava a cor castanha dos seus olhos. Eu corri, mas não foi o suficiente. Já não eram dois, mas três. E o meu corpo já não me pertencia. Um deles, meu namorado. Ciúmes. Tudo por ciúmes. Consegui fugir momentos antes da tentativa de atear fogo no meu corpo. Foi o dia mais triste da minha vida. Perdi a consciência. Acordei e estava em um hospital. Dez dias se passaram e eu não lembrava de nada. Eu contei, mas ninguém acreditava. Diziam que as palavras que eu utilizava não eram compreensíveis. Estava fora de mim, sem controle sobre nada. Meu avô morreu, meu avô que para mim foi pai. Um pai que nunca existiu. Uma mãe morta, de causa desconhecida por mim. Lembro do crack, de longas caminhadas pela rua, da dor. Meus treze anos marcados com cor de sangue e por um forte cheiro de gasolina. Já não lembro mais de nada e não sei o que eu falei ou fiz. Me perguntam o que é ou não verdade. Pouco importa se foi ou não verdade, não é mesmo? Que valor possui a minha palavra? Eu estava sozinha e perdida. E por isso estou presa aqui. Por isso estou presa aqui?

\*\*\*

*“As leis não bastam. Os lírios não nascem da lei. Meu nome é tumulto, e escreve-se na pedra.” (Carlos Drummond de Andrade)*

Frequentemente a pergunta de por que ela estava presa ali fazia-se presente. De todos, restou-lhe apenas a avó. Tentaram morar juntas por um tempo, mas após aquele dia tudo ficou diferente. Não conseguiam mais se entender, e a avó se viu obrigada a abrir mão de seus cuidados.

Foi então que a *casa terapêutica* tornou-se a única opção. Ela nunca aceitou estar ali e a repetição do dia mais triste de sua vida acontecia com frequência. Assim como no passado, a descrença em suas palavras insistia. “A corda sempre escapa para o mais fraco”, repetia as palavras daqueles que a ameaçavam.

Passou por muitas *casas* até chegar aqui. Lugar mais seguro e adequado, diziam alguns. Ela agora estava protegida pela lei. Mas, mesmo assim, ela ainda sonhava em voltar para sua casa de verdade.

Chorava todos os dias implorando por outra chance da vida. Porém, havia poucas apostas de que ela sairia dali algum dia. Alguns *especialistas* diziam que seria melhor não expor essa possibilidade a ela, pois as chances seriam mínimas. Afirmavam que, possivelmente, a passagem pelas *casas* foi o que a manteve viva até agora. Que talvez estivesse em situação de rua e passado por inúmeras violências. Suposições, é claro. Nitidamente ela não teve e não tem outra escolha. Tinha a sua palavra interdita e nada podia decidir, como ela mesma costumava dizer.

Eu não entendia por que a violência das *casas* era considerada menos grave. Todas/os sabiam, o tempo todo, de tudo que ocorria ali dentro. Todas/os consentimos. E continuamos permitindo, cotidianamente. Já não nos surpreende tanto quanto no passado, pois agora a sutileza do ato já não deixa tantas marcas no corpo - será? Afirmar que ela estava segura ali dentro não era verdade e todas/os tínhamos conhecimento disso. E insistimos.

O eletrochoque já não existe mais<sup>3</sup>. Mas, a produção de novas tecnologias - indolores e altamente seletivas - surge com a promessa de conter aquilo que antes somente a “cela” podia prender.

Mas, é chegado o momento em que a química falha. E o corpo já não consegue mais conter a dor. É então que as amarras tomam o lugar da palavra. Imobilizá-la parece ser a única saída possível agora.

Seus pulsos já não são mais os mesmos.

---

<sup>3</sup> Há uma importante discussão sobre a utilização de tratamentos como a eletroconvulsoterapia (ECT) e a estimulação magnética transcraniana (EMT) no campo psiquiátrico. Existem divergências em relação ao uso e críticas da luta antimanicomial, principalmente em relação à ECT, que tem uma longa história de utilização em técnicas de tortura e punição (Lüchmann & Rodrigues, 2007).

## Fronteiras

*“Não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é passível de fazer sentido. Eu não: quero é uma verdade inventada.” (Clarisse Lispector)*

Carolina entendia como castigo a restrição de liberdade recomendada pela equipe de *especialistas*. “Foi liberdade demais que fez mal a ela”. Confesso que fiquei confusa e saltei da cadeira aos escutar tais palavras. Será mesmo que foi isso o que eu ouvi? Voltei a sentar.

Eu e ela estávamos praticamente sozinhas ali, embora a sala estivesse cheia. Eu não concordava que a liberdade poderia adoecer alguém, mas como falar isso quando se é apenas uma aprendiz em meio a tanta gente sábia?

“Pensamento concreto”, repete inúmeras vezes, ao pé do meu ouvido, uma das *especialistas*, como se essa fosse a única definição da existência de Carolina. Nesse momento percebo o quanto o olhar que lhe é direcionado diz de um lugar desprovido de desejo e subjetividade (Rolnik, 1997).

“Eu vou morar pra sempre em clínica?” Pela primeira vez o silêncio fez-se presente por longos segundos e apenas nesse momento foi possível escutar a sua voz: “Eu quero a minha liberdade. Não foi liberdade demais que me fez mal. Foi um momento de crise, apenas isso!” conta aborrecida diante das/os *especialistas*.

É verdade que vivenciamos, juntas, alguns momentos de crise. Também posso afirmar que não foram momentos fáceis. É desesperador, angustiante e extremamente demandante. A experiência humana tem desses momentos, não é mesmo? Dentre as experiências de Carolina, as crise também estão presentes. Assim como tantas outras vivências. Eram muitas as suas histórias engraçadas. Seu jeito espontâneo de ser e a capacidade de transformar em riso aquilo que tanto nos aflige. A vida é tão mais que um momento inoportuno...

Disseram-me que talvez ela esteja “na fronteira” e que nestes casos não há muito o que se fazer. Por esse motivo, os muros são necessários para que sua experiência possa ser protegida de si mesma e das/os outras/os. Dessa forma, não era recomendado que circulasse muito, pois poderia ser causador de grande sofrimento para ela - poderiam machucá-la.

Naquele momento, um nó tão grande fez-se presente que pensei que tudo aquilo que eu acreditava como perspectiva ética havia sucumbido.

Realmente, quando falavam sobre ela, pareciam dizer de outra pessoa, totalmente diferente. Diziam que o que ela me contava tratava-se apenas de meias palavras, com pouco valor. Compreendi que elas/es possuíam um saber outro, palavras outras, mas que também não deixavam de ser “meias”. Seus encontros eram muito diferentes dos meus.

De fato, ela era muitas, como ela mesma costumava dizer. E não era por isso que suas histórias seriam menos importantes. Desafio alguém a contar A verdade sobre si. Quantas versões nossa vida pode possuir? Que triste se for apenas uma!

Mas então, como será possível compor com narrativas que parecem tão antagônicas? Há apenas uma *verdade* sobre a história de uma vida? Qual escolher? Se é que o que está em jogo é apenas uma escolha. São tantas as perguntas que apenas me colocarei a fazê-las. Além disso, quero contar-lhes sobre nossos encontros depois da “grande crise” de Carolina. E da minha também!

### *Uma aposta*

Tomadas por uma enorme angústia após o veredito das/os *especialistas*, eu e Carolina nos vimos desenhadas em uma página em branco. Uma olhava para a outra buscando alguma saída para continuar criando, ou não, novos caminhos pela estrada a fora. Em um momento em que deixavam de apostar no nosso *encontro* como produtor de novas histórias, decidimos não paralisar. Nós ainda não sabíamos, mas havia outras pessoas<sup>4</sup> que também concordavam conosco, e elas/es foram muito importantes nesse momento.

Nós não concordávamos, em alguns aspectos, com as/os *especialistas*. No entanto, compartilhávamos de muitas outras perspectivas. Sabíamos que seu saber era muito importante, mas que nem sempre precisaríamos concordar em tudo para que nossos encontros fossem possíveis e potentes. Há, nessa discordância, algo que se acrescenta, e que permite a

---

<sup>4</sup> Refiro-me à perspectiva de cuidado em liberdade defendida pela luta antimanicomial, que também considera o protagonismo das/os usuárias/os e familiares como fundamental no processo de tomada de decisão sobre o seu acompanhamento.

construção - e desconstrução - dessa rede de saberes, práticas, concepções e modos de criar tão diversos. Ao invés de paralisar no primeiro impasse, insistimos nele. Aliás, impasses não era o que nos faltava! Aos poucos fui percebendo que nossos *encontros* começavam a produzir novas questões. Algumas um tanto paradoxais, eu diria.

Carolina às vezes me apresentava como sua amiga, e percebi que essa era uma questão importante para tratarmos. A rua tem isso de nos aproximar, mas eu não sabia quais eram os limites dessa amizade. Como eualaria para ela que, na verdade, não éramos amigas? Aliás, quais são os limites e possibilidades de pensar a amizade no nosso *encontro*? Eu sabia que, ao mesmo tempo que não fazia sentido adotar uma postura rígida e tecnicista (Mendonça, 2017), também não se tratava de uma amizade tal qual convencionamos experienciar.

Eu notava que esse tangenciamento com a amizade foi o que permitiu a emergência de muitos movimentos, e tinha receios de que uma ruptura brutal fosse motivo de um desmoronamento de tudo o que havíamos construído até aqui. O fantasma que começava a me assombrar logo ganha outras formas. “Eu sei que tu é minha amiga entre aspas, mas isso não é menos importante. É uma amizade diferente”, conta Carolina, com aquele sorriso no rosto. Ser sua “amiga entre aspas” começa a ganhar novos significados, assim como outras aberturas ao que antes parecia tão inflexível e impensável.

Foi então que comecei a compreender que a *amizade* que atravessava nossa relação não era aquela que se manifesta a partir da ideia de reconhecimento do mesmo, entre iguais, mas sim uma amizade “à diferença, ao díspar, ao dessemelhante, ao outro”, ou seja, uma amizade que acolha “o que se apresenta como diferença radical”. (Araújo, 2007). É a partir do que podemos chamar de *política da amizade*, que ser amigo, nesse caso, é também construir um espaço que não se reserva apenas a uma noção de intimidade e fraternidade, mas sim da possibilidade de construir, no espaço público, o direito de ocupá-lo e transformá-lo - assim como ser transformado por ele (Araújo, 2007).

## De repente, não mais que de repente, fez-se da vida uma aventura errante<sup>5</sup>

*“Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volumes reduzidos.” (Deleuze)*

Carolina acreditava que para reconquistar sua liberdade era necessário, antes de tudo, extirpar seus *dentes de mentirosa*. Como havia mencionado no começo dessa história, desde que lhe caíram os dentes de leite, fora presenteada com um diastema<sup>6</sup>. “Tu tem dentinhos de mentirosa”, costumavam dizer em tom de piada, o que a deixava muito aborrecida. Segundo ela, nunca havia mentido, mas foi como ficou conhecida. Por isso, desejava corrigir seu “defeito” a qualquer custo. Assim, ganharia a confiança de todos na *casa* e também dos *especialistas*, para que, no final das contas, a deixassem sentir o tão desejado sabor da liberdade.

Mas, talvez esse não fosse o único jeito. Começamos a pensar juntas se ela estava, de fato, preparada para experimentar a rua sozinha. Confesso que eu não via motivos para deixá-la trancada naquele lugar, mas que também não era, de forma alguma, uma decisão minha avaliar tal situação. Foi então que criamos alguns mapas. Mapas de liberdade. Sabíamos que não era um consenso com as/os *especialistas*, mas a *casa* havia concordado com a nossa invenção, o que já era um grande passo!

Inicialmente nosso mapa tinha apenas um ponto. Tratava-se da *casa*, único lugar em que era possível deslocar-se. Carolina conta que estava sendo sufocante e que não conseguia mais viver apenas com um ponto em seu mapa. Foi então que colocamos um segundo ponto. Começamos a retomar nossos *encontros* e a rua começava a ganhar espaço em sua vida novamente. A diferença é que agora ela ia ao meu encontro e isso a deixava tão feliz. E a mim

---

<sup>5</sup> Referência ao Soneto de Separação, de Vinícius de Moraes (1938).

<sup>6</sup> Diastema é um espaço extra que se forma entre um ou mais dentes. É uma condição mais comum nos dentes frontais superiores, mas também pode aparecer nos demais dentes. Há um dito popular que remete o diastema como sendo “dentes de mentirosa/o”.

também! Algumas vezes pedia para que eu a acompanhasse na volta, mas não víamos problemas nisso. Muito pelo contrário...

A partir de então decidimos habitar o mundo dos sonhos. Aos poucos novos pontos começaram a surgir em nosso mapa, antes tão esvaziado. Agora era possível sonhar e isso nos abria muitas possibilidades. Tínhamos consciência de que nem sempre os sonhos se realizam, ou não da forma como gostaríamos. Mas isso não importava, o interessante era simplesmente sonhar, o que antes talvez não fosse tão permitido assim.

Alguns diziam que éramos sonhadoras demais e que não deveríamos insistir nessa ideia. “É perigoso e vocês podem se machucar muito. Quem vai ser responsável pelos danos que os sonhos de vocês podem causar?”, questionavam alguns/mas *especialistas*. “Nós apoiamos, mas desde que ela siga à risca as nossas regras”, diziam os responsáveis pela *casa*. “Eu não sei se isso vai dar certo, mas e se acontecer alguma coisa o que tu vai fazer?”, perguntava sua avó, apreensiva e descrente da ideia.

De outro lado, havia aquelas/es que apostavam nos sonhos como possibilidade de criar outros mundos. “Sonhar é tão importante quanto respirar”, diziam com uma certa empolgação. “Não há nada de mal em sonhar, aliás podemos fazer parte dos sonhos também?”, comentavam outras/os.

Foi então que compreendemos que tanto aquelas/es que eram moderados em relação a intensidade de nossos sonhos, quanto as/os que nos impulsionavam a sonhar, eram extremamente importantes nesse processo. Ao mesmo tempo em que precisávamos de uma intensa aposta para continuarmos existindo, alguns freios também faziam-se necessários. Assim, nos momentos de aterrissagem, nossos pés poderiam alcançar a terra, não sem a ausência de impactos, mas com a suavidade necessária para seguirmos de pé.

## *Travessias*

*“Como é bom ser livre! Ver os carros passando, as árvores... Poder sentir o vento. Como é boa a liberdade.” (Carolina, 19/04/19)*

O dia era 19 de abril de 2019. Estávamos sentadas no banco de uma praça pública. Uma tarde ensolarada de temperaturas amenas. Poder ver a paisagem que nos cercava era como uma dádiva. Como se mais nada fosse preciso naquele momento. Foi nesse dia que aprendi o que era a tal liberdade que ela tanto falava. O vento fazia presente no corpo o que a palavra sozinha não era capaz de descrever. Afinal, liberdade é um conceito tão complexo. Inúmeros filósofos, sociólogos, poetas, escreveram acerca do curioso conceito de liberdade, mas o que mais me interessava naquele momento era o significado que ela atribuía a ele.

Apesar de parecer tão inteligível, de fato, não o era. A travessia sobre esse mar turbulento nunca foi simples. Não há sossego - e será que um dia haverá? Talvez sequer exista esse desejo. O desassossego, por vezes, é o que nos lança neste mar de perguntas tão preciosas. Talvez o seu desejo por mais e mais liberdade tenha inúmeras leituras. Das interpretações feitas, não me atrevo a fazer a minha. O que pode ser nomeado de sintoma, diagnóstico ou estrutura, por vezes escapa, nos deixando em silêncio frente às intensas ondas de interrogações. Parece loucura. Desejo impossível, impensável. Por que apostar?

Insistimos. Entre vôos e aterrissagens, dias de sol e de chuva, aqui estamos novamente. Diziam que depois de conhecê-la, eu jamais seria a mesma. Falavam, também, que despedir-se não seria uma tarefa fácil.

E é nesse exato momento que preciso ir embora. De todos os *encontros* esse foi o que mais me deixou marcas. Aquele vento, seu sorriso, o desejo daquilo que não parecia possível. Eu vou, mas ela continua. Outros *encontros*, outras histórias. Aos poucos a distância vai aumentando e já não estamos mais ali. O tempo já é outro. Olho para o banco e vejo uma outra pessoa sentada ao seu lado. Me despeço e saio. Mesmo já estando distante ainda consigo ouvi-la pronunciar: “Ah! Como é boa a liberdade”.

## Epílogo

No início desse percurso eu não sabia ao certo como contar-lhes essa história. A única certeza situava-se acerca do desejo de poder compartilhar alguns fragmentos do que experienciei, ao longo do tempo, nos *encontros* com as tantas Carolinas que passaram por mim.

O ato de compartilhar essa narrativa, tão pessoal e íntima, reverberou em inúmeras significações ao longo do processo desta escrita-experiência. Sentidos não previstos, mas que aos poucos vão ganhando algumas formas e nomes - mesmo que provisórios.

Ao mesmo tempo em que a ação de narrar possibilitou-me condições para a transmissão de uma experiência, como indica Walter Benjamin (Onocko-Campos, Palombini, Leal et alli, 2013), também há uma repercussão no sentido de esta narrativa, como escrita de si, possibilitar o cuidado de si - e da/o outra/o -, conforme situa Foucault (2004).

Aprendi, no encontro com Carolina, sobre as possibilidades de criar novas realidades - pois o que seria a realidade se não esse grande entrelaçado de histórias?

Com ela pude perceber os perigos de uma única história (Adichie, 2009) e a potência que os encontros podem ter para destituir discursos hegemônicos presentes na sociedade.

Nesta dimensão do *encontro* pude escutar outras versões de uma história, que antes parecia tão imutável e impermeável a transformações.

Mas, também pude compreender que, mesmo na rua, ainda corríamos riscos de compor um novo “dentro absolutizado, insensível às reverberações da diferença que se engendram no fora da subjetividade” (Rolnik, 1997).

Foi junto à ela que pude experienciar a construção de micro-aberturas para que diferentes formas de existência possam vir a ocupar outros lugares em *nós*.

## Referências

Adichie, C. (2009) *O perigo de uma única história*. Disponível em [https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story?utm\\_campaign=tedsread&utm\\_medium=referral&utm\\_source=tedcomshare](https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?utm_campaign=tedsread&utm_medium=referral&utm_source=tedcomshare)

Araújo, F. (2007). *Um passeio esquizo pelo acompanhamento terapêutico: dos especialismos à política da amizade*. Niterói: Fábio Araújo.

Assis, M. (1994/1899). *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

Bento, M. A. S. (2002). Branqueamento e branquitude no Brasil. In *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 25-58.

Cardoso, L. (2008). *O branco “invisível”: um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre as relações raciais no Brasil (Período: 1957-2007)* (Doctoral dissertation, Dissertação de mestrado], Faculdade de Economia e Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra).

\_\_\_\_\_ (2014). *O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre a branquitude no Brasil*. 2014. 290 f (Doctoral dissertation, Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara).

Evaristo, C. (2016). *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2a ed.). Rio de Janeiro: Malê.

Foucault, M. (2004). A escrita de si. In: *Foucault, M. Ética, sexualidade, política*. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p.144-162.

Lispector, C. (1984). *A hora da estrela* (12a ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Lüchmann, L. H. H., & Rodrigues, J. (2007). *O movimento antimanicomial no Brasil*. *Ciência & Saúde Coletiva*, 12, 399-407.

Mendonça, L. D. (2017). Clínica do Cotidiano. In *Acompanhamento Terapêutico e Clínica do Cotidiano*. São Paulo: Aller Editora.

Ministério da Saúde (2005). Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil. In *Conferência Regional de reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas*. OPAS. Brasília, DF: Autor.

Moraes, V. (2013). Soneto de Separação. In *Nova Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.

Onocko-Campos, R. T., Palombini, A. L., Leal, E., Serpa Junior, O. D., Baccari, I. O. P., Ferrer, A. L., Diaz, A. G., Xavier, M. A. Z. (2013). *Narrativas no estudo das práticas em saúde mental: contribuições das perspectivas de Paul Ricoeur, Walter Benjamin e da antropologia médica*. *Ciência e Saúde Coletiva* (Impresso). v.18, p. 2847 - 2857.

Palombini, A. L. (2007). *Vertigens de uma psicanálise a céu aberto: a cidade. Contribuições do acompanhamento terapêutico à clínica na reforma psiquiátrica* [tese]. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_ (2008). *Programa de Acompanhamento Terapêutico na Rede Pública: um projeto de ensino, pesquisa e extensão*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

\_\_\_\_\_ (2018). 25 anos depois, um pouco da estrada em que fiz meu chão: acompanhamento terapêutico e reforma psiquiátrica. Paulon, S. M.; Oliveira, C. S.; Fagundes, S. M. S. (Orgs). *25 anos da lei da reforma psiquiátrica no Rio Grande do Sul* [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul. Comissão de Saúde e Meio Ambiente, 2018. p. 245-261.

Palombini et. al. *Acompanhamento Terapêutico: uma clínica em rede. Sustento da vida entre precariedades e riscos*. (no prelo).

Rolnik, S. (1997). Clínica nômade. Equipe de AT's de "A CASA" (org.). *Crise e cidade. acompanhamento terapêutico*. São Paulo: Educ.